



MAGICO

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro & Ayres, rua d'Alfandegu n. 135.—Assigna-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO 30 DE NOVEMBRO DE 1851.

A MINHA APPARICAO.

Leitor amigo, porque motivo me negastes o fagueiro sorrizo de acolhimento? Quereis logo ao nascer me precipitar por esta montanha, e fazer desapparecer o meu encanto! Onde está a vossa charidade? Esperai; eu me esforçarei até onde couber o possivel, foi ou não esta a minha linguagem, e seria possivel contentar a todos os gostos, satisfaçer a todos os dezéjos no meu primeiro ensaio? Oh! não me façais recuar, agora que dei o primeiro passo animai-me, com o vosso auxilio; se totalmente eu desmerecel-o abandonai-me é vosso dever, mas carregar o sobrolho!... Oh! não! Sois uma flor que captiva o sereno no inverno: séde tambem a briza da tarde para a minha vida agora no estio. A menina travessa de vossos olhos me espera ainda para olhar com gosto; e as bellas e gentis leitoras querem sentir o efecto de minhas magicaturas.

Para o meu progresso e desenvolvimento a vosso contento mister é que não retireis a mão protectora que me haveis estendido com tão bons auspícios. Eu sou todo vosso; agora percebo que sorrindo dizeis — : Magico tu és um diabinho, e eu beijando as mãos bemfeitoras que me acolhem direi em verso.

Rapazes patuscos,
Gentis demoisèses
Se sempre gostarem
Me mandem os pastés.
E velhos sizudos
Doces de canudos.

AS MODAS.

Caricatura a lapis.

Disserão-nos pelo *Jornal do Commercio*, que em janeiro futuro veremos no mundo *fashionable*, disputar dois periodicos a gloria de ser directores das modas a ver de tomar a dianteira á elegancia passada, presente e futura! São dois rivaes de gloria! A estacada aonde devem combater é immensa, adornadá de lantejolas e malacaxetas, e tapetada de tiririca! Teremos de ver mais de um duello a todo o trance pela cõr de uma fita, pelo recorte de um babado, pela forma do penteado, pelo feitio de um vestido; como dois contendores em outro tempo disputavão na liça a belleza da sua dama, ou como ainda hoje, dois gallos da India disputão a posse de uma gallinha d'Angola!

O que fará o *Mágico*? Será simples espectador desses combates?

A moda é uma actriz, ou antes uma mulher de má vida, que a todos amostra um rosto risonho, e que mesmo nos andrajos é faceira: é uma mulher que vos provoca, que vos incita, que vos fascina, e que vos arrasta a sacrificar-lhe o suor de vossos dias, o pão de vossos filhos, a vigilia de vossas noites! Como não deve ser louvável o empenho de fazel-a mais familiar, e por assim dizer mais de nossa caza?...

O *Mágico* pois não pôde deixar de entrar tambem na liça: armado só com a sua varinha buscará golpear os seus contrarios, de sorte que não lhes faça correr o sangue, mas só saltar o pó do rediculoo.

Em cada numero dará um artigo de modas, tratado a sua maneira, e quando os cobres derem para tanto, um figurino da ultima moda; entretanto ainda que contendor, o *Mágico* não se demittio de sua generosidade, e desde já offerece aos seus contrarios a sua varinha milagrosa para com ella transpor, encurtar, mudar, augmentar, transformar emfini as modas velhas em novas, e assim irem havendo os cobres da credulidade publica.

Perilampo.

UM SONHO.

(Continuação do n.º 1.)

Não posso resistir á convicção em que estou de que o anjo tinha razão; pois á maneira porque cada um aceitou o meu sonho mostra mesmo a minha desgraça. E' impossivel advinhar o que pode satisfazer o gosto de todos, por isso nem desejo mais dormir sonhando, nem acordar contando aparições. Farei as pazes com o leitor

adormecendo, e brigarei com elle acordado como briguei com o anjo dormindo. Escutem-me que saberão.

— Disse-lhe; se sois um anjo de paz e não um demônio, dizei-me, porque sou desgraçado? para onde irei deixando a terra; como acabarei a vida que desfructose isto é mistério para minha felicidade? E o que é que pretendéis de mim? fala!

— Espera louco (me replicou elle) és como todos! queres tanto, e és pequeno para quanto desejas, se eu te der o livro do destino para escreveres os teus desejos, tu só levarás toda a vida escrevendo, nem encherás o livro, nem findarás os teus desejos.

Leitor, parece-me que o sujeito veio me pregar algum sermão, e eu estou que vós hoje não soffreis um até mesmo pregado pelo Papa, quanto mais eu que queria dormir, vejão como estamos de sympathias com a religião! (*olhem que isto é um aparte*) Elle continuou nestes termos — Tenho pena de ti (*muito obrigado*) porque conheço o teu coração; tu amas devéras a Deos e ao teu proximo, e o mundo e o seculo não querem disto, (vejão em que época estou vivendo! então o que é que quererão?) Deixa portanto tudo; escolhe entre a vida e a morte, entre o mundano e o celeste, entre o espirito e a materia, enfim entre Deos e os homens.

— Com effeito! é muito para fazer escolha! Nada meu amigo, deixe-me cá ficar; porque aqui almoço, janto e ceio, vou aos bailes, aos passeios, desfructo a companhia das bellas, e tenho um ídolo quasi sempre de reserva, quero dizer que adoro uma mulher: portanto não estou muito resolvido a deixar este passadio tão agradável ás cabeças levianas dos mancebos: enfim não quero morrer.

— Não é a morte que te offereço, mas sim o claustro; deixa as illusões do mundo; as almas como a tua não existem para as couzas da terra, não desprezes o amor de um Deos puro e legitimo pelo estúpido passar entre os prazeres mundanos, em uma sociedade envenenada pelo vicio, e prostituida pela corrupção dos homens!

— Não quero; sou homem, vou com os outros. Pergunta a algum se quer o que tu offereces....

Ah! amigo leitor! foi então que vi a figura mudar como a víbora: seus olhos deitavão fogo e de dentro de seu seio meio nū, vi suspender pela dextra um punhal vermelho, e na outra ardia um fogareiro em labaredas azues. Gritei com furor — que é isto meu Deos! — Oh! tu és o genio do mal! vai-te tentação — cruzes! — Senti seu pé calcar-me o peito, e já com uma voz rouca dizer-me — Abjecto animal vês isto? — Sim, vejo lhe disse todo tremulo, é um punhal, conheço o seu effeito, e sou como todos forte antes do perigo. Não me mates, eu não quero morrer ainda.

— Pois então ou decide-te ou tremede.

Ora, tremendo já estava eu desde que vi a causa mudada em tragedia. Vejão que sonho! Mas o sujeito não me deixava, eu lembrei-me de meu pai, de minha mãe, dos amigos, dos prazeres, pedi por todos os santos: nada! A final senti um calor percorrer-me to-

das as fibras, e eu tambem ardia como o fogareiro. Minha mente se incendiou e a imagem seductora de uma mulher se desenhou repentinamente em minha imaginação, e eu decidi-me.

— Não troco pelo mundo, e pelos seus prazeres o que me ofereceis, e eu não conheço. Uma mulher aqui me chama, é a virgem que eu idolatro, por ella desprezo a morte forçada, e essa vida mesmo abrasada pelas chamas do inferno, e torturada pelos tormentos do demonio; porque tu és o seu agente.

De repente o quarto se anuviou, o anjo despejou sobre meu peito as brasas de seu fogareiro; as chamas me envolverão a cabeça, e esse punhal vermelho senti atravessar-me o coração por diferentes vezes enterrado! Quiz gritar, quiz correr a traz delle porem a voz estava preza na garganta, e o anjo ou demonio, o Céo e tudo o que era delle tinha desapparecido!

Então senti que a razão me fogia, que o coração gotejava um sangue frio que me regellava, e a cabeça ardia-me em pensamentos de fogo! Soube que sou desgraçado por viver entre uma sociedade condenada pelo Céo, e eu por abraçal-a fui castigado pelo demonio!

Entretanto bem sei que estava sonhando, e agora que estou acordado tenho assim minha vontadezinha de dizer ao leitor ou leitora que tudo proveio do amor que sinto por uma sujeitinha que mora em certa caza. Tinha me deitado lendo um bilhetinho em que ella principiava com muita docura, e acabava por um solemne desprezo, e assim meio gostoso meio enraivado adormeci; e sonhei. Eu estou que a qualquer aconteceria outro tanto; e se assim é venha um abraço de quem gostou, que para aquelles que não gostarão tenho uma dentadinha preparada para lhe fillar o retorcido nariz. Pois então querião saber do bom sem chegar ao resto?

Não era possivel; e portanto adeozinho até que outra vez eu durma.

S. X.

TRANSPARENTE.

Vês aquelle homem de casaca que vai apressado entrando por aquella porta? — E' um procurador de causas *perdidas* que afflito busca o seu advogado para um conselho: são mais quatro mil reis que accrescenta na conta do cliente, e entretanto ninguem lhe encommendou o sermão. E para que consentem haver em tal emprego pessoas que vão pedir até ao pedestre astuto que lhe passe a limpo o libello? — Conheces esta vista? — E' a do Largo do Rocio pelo lado da rua do Cano, no canto vejo um grupo de pessoas de diferentes trajes, uns de bigode e barba grande, outro todo rapado, este sujo e remendado, aquelle engomado, bem vestido e gamengo — Pois são Meirinhos, Pedestres, Procuradores, e Partes que se confundem — Ouves aquelle zum zum? sim percebo, este agoniado queixa-se do cliente que ainda não lhe pagou a mensalidade, nem tem querido dar dinheiro para replicas e treplicas, Ora (diz elle) se nao tem dinheiro para que põe demandas? Teve um titulo! grande

cousa ! se não avezā os legios curripios nada valle. A justiça é cega, mas não tem a boca feichada nem a guella entupida ; por tanto ha de mastigar bem e engullir melhor.

Procura-se um desses sujeitos para se lhe pedir o necessario e elles dizem — " Senhor fulano mande citar o homem para a primeira audiencia, não me deixe a causa correr a revelia ; mas escarrar cobres ! não é para elle ; como se hoje ha alguma cousa nesta vida que se possa fazer sem adiante ir o dinheiro alumando o caminho : e um pobre diabo como nós vá tazendo assento no livro da receita, e fica em caza a panella sem cozimento. Ora meu Deos quando ha de haver uma lei que obrigue a esta gente a pagar tudo adiantado ? " — Aquelle outro diz — " isto não é nada ; cá o meu é negociante e tem côco, mas quando lhe fallo em certos preparos de autos sempre é em dias em que acaba de pagar uma letra ; entretanto em qualquer parte que me encontra é logo — " Senhor Annecleto e os meus embargos ? porem eu affianço que nun dia que estiver com azeites digo-lhe muito franco — " meu amigo estou na *disgra*, se quizer que corra a roda da chicana unte-lhe azeite nas molas. V. M. bem sabe que na loja dos Escrivães, Meirinhos, Advogados e etc. não ha fiados, é obra feita dinheiro na unha, ao contrario apanha poeira por todas as luas — E aquelle outro ? magro e tisnado pelo sol dos descendentes d'Africa, com a cabecinha branca ? Aquelle livro que traz em baixo do braço é um protocolo. Sabes o que está dizendo ? — Nao — Ora ouve que está lamentando a sua má estrella, porque a respeito de esportola nem advogados e procuradores se mechem ; elle anda de uma para outra banda para servir as partes e nunca lhe cospeim na mão saliva que cheire a zinabre. Os Doutores fazem o coitado esperar horas esquecidas no patamar da escada, ou na umbreira da porta, e não se lembrão de despachal-o porque elle é um fiél de cartorio ! — Ouves ? aquelle tomou agora uma pitada, é tabaco pura amostrinha de semontes ; deu um suspiro ; ai ! não ha remedio senão tomar disto ; porque o princeza de Lisboa custa 3200 e anda sempre mofado, e não ha remedio senão aguentar a buxa ; elles derão na especulação de vender os botes feichados ! se houvesse uma lei que condem nasse estes vendedores quando espigão o pobre freguez que lhe cai nas garras, estou bem certo que sempre teríamos couza boa . — Vês aquelle que chegou esbasorido e vermelho como um lacre ? é um senhor official de Justiça ; o suor é de cançado, e aquelle rozado das maçães do rosto é que o cujo já fez as honze. Diabo se houvesse uma lei que obrigasse a certa gente a não *tomar o seu gole* fóra das horas, parece-me que muitas cabeças regulavão melhor — Ouves o que elle diz ? — Sim — Está dizendo que foi citar o homem da letra e o *mano* se negou, entrou na venda do canto para o espreitar, mas o sujeito foi vivorio, não poz o pé na rua por mais de quatro horas. Não estive para la ficar à estaca. Olhe que é um verdadeiro tormento andar um pobre official desde matinas atraz destes sujeitos que não se lembrão de pagar. Os Legisladores não sei o que fazem, devião arranjar uma lei que forçasse a todos os homens a não fazerem dívidas nenhumas, ou então só aquellas que podessem pagar : porque isto é uma completa massada, anda um homem todo o dia vai, vem, vira, volta só para ganhar uns magros dez tustões. Deve-se augmentar esta *propina* ; porque por tão pouco não valle a pena.

Tapou-se o vidro. Ora vejão como somos ! estes até se queixão d'aquillo que lhes dá o pão !

O pucha vistas.

O AMANHECER NA CORTE.

SATYRA.

(Continuação do n.º 1.)

A ronda já se afasta,
E mal ao quartel chega
Eis que contas vai dar do que ella ha feito.
O cego, aleijado e mais o louco,
Miseros pedintes,
Enrolando os trapos
Esmolando já vão de porta em porta.
O ebrio ainda agora,
Não tendo outro cuidado mais que o vicio
Accorda, se espreguiça, e novamente
Dorme tranquillo sobre a lage dura.
Gigantesca á Sé chega a negra Mina,
Que em lingua atrapalhada
Vos pede compre frangos,
Ou o carroceiro, que conduz a pipa
A' torneira a chegando o mais depressa,
Antes que outro esperto,
Primeiro tome o ponto.
Dos fidalgotes o rodar das seges,
Os burros de cangalhas
O carvão conduzindo
Um motim vão formando pavoroso,
Que ligeiro nos faz erguer do leito.
E essa a belleza !... o amanhecer da Corte!...
Oh ! vede como encantador seria
Se em vez de caças isto fosse um campo !
Se em vez deste tumulto que incommoda
Ouviramos sómente
Da cascata o sussurro,
O terno gorgear dos passarinhos !
Oh ! que encantos meu Deos ! que felicidade
Se goza junto a margem d'um ribeiro
Quando o mortal venera
Teu mais sublime feito !!
Quando tocado de respeito admira,
Do sol o nascimento diuturno,
Da lua o despedir-se,
E o pavor das trevas ;
E meigo o zephyro circular o espaço !
Dizei que vale a Corte,
Co' os devassos prazeres

O' homem avarento e pervertido ?
Dizei, dizei se comparar se pode
As tuas illusões os teus inventos,
Co' o sublime encantar da natureza ? !...

Se do tempo o momento,
Mais suave, mais bello,
Mais tranquillo e sereno,
Mudou-se em confusão, se se não gosa .
Essa doce innocencia das campinas,
Quem nos campos ergueu vastas cidades ?
Quem causou no deleite essa mudança ?
Que até na mesma terra,
Obriga a natureza
Ao mesmo tempo differençar os quadros ?
Esse que da ventura fez desgraças
Foi quem transformou tudo :
Quem para si fez o erro,
O homem cego, tão sómente o homem !

E. A.

FRAGMENTOS.

DE UM ROMANCE ORIGINAL DA EPOCA.

(Continuação do n.º I.)

II.

O Céo estalou e o trovão rebombando correu por toda a abobada. O echo ainda faz estremecer !

Rasgou-se agora a espessa tapeçaria de nuvens prenhes d'agoa, e a luz de um relampago aclarou o universo ! — Vi.

E' um homem de estatura alta, pallido, magro, sem barba ; olhar de fogo vivo e penetrante ! ... Um ar sinistro que pouco lhe favorece... e elle é conhecido.

Naquella rua que se chama larga; á sombra de um lampião que mal reflecte, pois o rijo soprar do vento penetra os vidros e faz tremer a luz : elle está parado !

Caminhou agora com passo vagaroso e calculado. E' destemido !

A sua cabeça se inclinou sobre uma porta de rotola ; talvez espie pelo buraco da feichadura, talvez escute.... e ainda espera !... e espera !

Com uma voz sumida porém firme e segura, pronunciou para dentro estas palavras—vinde senhora.

Os gonzos gemerão de manso, a chave nem rangeu no dente da

feichadura.... a porta abrio-se. Uma mulher sahio vestida de branco; travou-lhe da mão e apreçado, o monstro com a prezâ sem rugir a leva de rast s....

E' um roubo.

E será elle um ladrão? será um assassino? Não, mil vezes não: é um perverso seductor, que abuza da posição que occupa, da consideração que possue, para zombar da fraqueza de uma mulher! Quem o acreditaria?!

Já caminhão longe em busca de um sitio afastado e solitário. Estão na praca mais larga desta cidade a sós favorecidos pelas trevas, e ajudado elle pelo horror do tempo! Ninguem por certo virá transtornar os seus intentos: quem poderia passar nesse lugar? A polícia com mau tempo se espreguiça no leito da tranquillidade, e os outros habitantes descansão, não vágão.

Só um malvado que tivesse um fim sinistro; só elle não poderia recuar. E qual seu fim? — a seducção.

Ei-lo assentado junto da mulher a quem illude com palavras de adoçada mentira com promessas refalsadas pela infamia; a quem seduz com a audacia de esfaimada luxuria. Que monstro!

Em um momento as nuvens soltavão agoa a jorros, os fuzis se multiplicavão, e a terra tremia com o estampido de prolongados trovões!

Só o homiem.... o homem! proseguia nos seus intentos tenebrozos, zombava de Deos e de tudo.... Ah raça maldicta!

Houve um clarão medonho; um raio despegou-se do Céo enraivecido.....

Tudo era patente.... o crime estava consummado!...

III.

E' uma fresca manhã serena e pura, como sóe apparecer dias depois de furiosa tormenta: é um novo espectaculo que temos diante de nós!

Um longo correr de cazinhas arranjadas pela uzura, e preparadas para amontuar-se a impudecicia, o escandalo e a vergonha, está situado para o lado de uma das ruas mais proximas á praia. A entrada é por um largo portão que está constantemente aberto.

Uma mulher desgrenhada e lagrimosa está assentada sobre a soleira de uma das portas. Seu trajar é ainda de um vestido que de tão sujo mal deixa ver que foi branco!

Corrida de vergonha para que podesse tornar para a caza das quelles a quem havia abandonado indignamente, tambem se vê aqui abandonada pelo vil que a seduzio! Chora, porque ha dois dias que não come! Chora, porque tambem agora ella espera!... e espera em vão o cumprimento das promessas com que se havia embalado.

E esse homem?!... talvez!... E essa mulher perdida e

abandonada, repellida talvez pela justiça de Deos, espera encontrar na justiça dos homens vingança á sua miseria. . . .

Louca! infeliz! Estás perdida para sempre! . . . Penças achar a justiça dos homens? Elles se comprehendem e se trocão.

IV.

E' meio dia! Entra pela caza de uma autoridade uma dama trajando regularmente; diante do juiz ella veio submissa comunicar um mysterio.

O homem sorriu-se, a autoridade escarneceu, finalmente disse-lhe — não é este o canal competente por onde deveis seguir; apresentai a vossa queixa em forma ao juiz do distrito. . . .

E porque? não era elle sobre todos o primeiro zelador da ordem e moral pública? como não era competente? Onde estaria com o juizo? — Talvez pezando alguma moeda de ouro. . . .

Ela prostrada pela deshonra ao capricho da sorte! E o monstro? não ha lei que o puna?!

Sim, mas não ha quem regularmente a faça executar.

Será mister zombar de tudo até o dia do passamento?

Hoje elle vive tranquillo gozando o hymineo nos braços de outra, e ella, a infeliz, soffre os horrores da necessidade sem que o monstro lhe mitigue uma hora.

A justiça foi illudida como cega, e o juiz estupido e venal sofreu a affronta de ver escarnecido o seu poder, e deu livre curso a mais uma fonte de corrupção.

E o monstro, o vil, o seductor! pôde pelo dinheiro estabellecer a mulher na vida do mundo.

E é dos nossos dias! . . . é horrivel! . . .

Lá está Deos para velar por todos; e a vida, e a passagem marcada no livro do destino!

H.

FIM.



BONS BOCADOS.

MANIA DA EPOCHA. — Apoderou-se, da maior parte dos habitantes desta cidade, uma febre devoradora que vai grassando com uma rapidez espantosa; não pensem Vmces. que fallo da epidemia, que desgraçadamente todos os annos, nesta quadra, vem flagellar-nos, não senhores.... fallo da dança.... nas praças, nas ruas e becos, nos cafés, caças de pasto, tabernas, lojas de barbeiros por toda a parte enfim não se ouve fallar em outra couza. Ha dias, indo eu à loja do meu freguez para elle me fazer a barba, ouvi este dialogo — Já lhe dice, Sr. secretario, (dizia um dos circunstantes) se quizerem marchar em ordem hão de aprovar o meu projecto de lei tal e

qual — *ipés verbio* — nós devemos ter uma lei dura que obrigue os socios a manter-se nas *baias* da decencia, porque do contrario andaremos sempre aos couces... — Lá isso é verdade (respondeu o outro) o seu projecto não é mau, mas precisa d'uns remontes.... e nisto retirárao-se. Desnecessario é dizer que um era allugador de cavallos e o outro sapateiro. Vou depois para casa, á minha porta estava um grupo tratando do mesmo objecto; pedi licença para me dar passagem entrei, porem apenas fechei a porta puz-me a escutar o que os sujeitos dizião. — Sr. Fellippe, eu não entendo que o Presidente tenha o direito de mandar parar a musica em quanto o socio esta dançando a *dança* com a dama; isto é uma exorbitancia; é preciso haver uns estatutos que as *contribuições* da directoria e do Presidente, porque eu não gosto de imposturas... — Homem va-se d'ahi (diz-lhe o outro), você não tem pratica de sociedades: está ahi a dizer asneiras!... O presidente é homem que entende disto, e sabe o que faz.... já foi *compasso* d'uma companhia de baile, sabe muito bem *digerir* uma sociedade de dança....

Com esta fiquei satisfeito e fui deitar-me.

T.

MISCELLANEA.

Dous velhos, ambos boquiabertas, admiravão a rapidez espan-tosa com que — como por encanto — surgia da terra um novo theatro, e opinavão ambos á cerca de sua utilidade, baseando-se neste principio — que os theatros são, ou pelo menos devem ser, a escola da boa moral e sãos costumes. Chega um terceiro, ouve-os; e depois de sorver uma boa pitada de seus esturrinhos, mette o bedelho, e diz — Para escola escusava mais este; com os que temos, estamos bem servidos: sou pai de familia, e quando quero dar uma lição de moral a meus filhos, vou a S. Januario ver o “Bahiano na Corte” ou vou ouvir a “Panella dos Feitiços” em S. Francisco.

— Pergunta simples — Um ensaiador deve saber as seguintes insignificancias: — Reta pronuncia; — differençar a representação da recitação; — conhecer os usos, modas e costumes de cada nação; — copiar o trato ordinario da sociedade, para a boa collocação das personagens; estudar para saber ensinar, o estilo proprio do estado, profissão, ou paiz a que pertence a personagem que representa; porque nada ha mais irrisorio do que vermos hoje uma peça cuja accão se passa na Russia, com os mesmos gestos, maneiras e costumes de uma que vimos hontem, e que se passava em S. João de Itaborahy!

Sendo estas bagatellas a parte essencial de um ensaiador, per-guntamos — Temos nos nossos theatros um ensaiador? — Não se admirem da resposta: — Temos em vez de um, um cento; porque cada artista de per si é um homem versado em tudo que diz respeito á arte!...

Aviso importante.— Aos nossos irmãos que se constrangem pelo curto espaço de uma hora, a estar de joelhos ouvindo um sermão, aconselhamos-lhes que vão aos nossos theatros, onde, pela modica quantia de dez tostões, podem recostados no seu banquinho ouvir boa pregação pelo espaço de quatro horas.

— Desapareceu da esquina da sachristia do Hospicio a mão indicatoria que ali se achava, quem della souber ou tiver noticias queira dirigir-se a Policia que será bem recompensado.

— Quem souber qual é o corpo que ronda em patrulha das dez e meia horas da noite até a uma, queira pregar editaes para que chegue ao conhecimento da segurança publica.

— Ha quem dê uma grande molhadura a quem puder abrir a porta da Igreja de S. Joaquim; é um devoto que deseja mandar suffragar as corujas fallecidas nesse lugar abandonado.



CHARADAS.

Assim como o feliz, o afortunado,
Ancioso te espera p'rà o folguedo,
Assim o lavrador quando te avista
Pressuroso vai ver seu arvoredo.

E o réo, o criminoso, entre remorsos
Despertando, fica amedrontado
Lembrando-se que o praso concedido
De sua vida em ti' stá terminado.

Mesmo o triste infeliz que não podendo
Ter a faculdade de encher-te,
Te sente em seu espirito e alegre
Entre trevas lá vem tambem saudar-te ! 2

Tu foste da ignorancia e da mentira
O templo p'rà á impostura levantado ;
Em seu seio vio Roma erguer-se alta
Teu porte gigantesco e assoberbado. 2

CONCEITO.

Se o rio assim não fosse, não viria
Mirar a linda face illuminada,
Casta lua, das aguas no espelho,
Que lh' apresenta a face retractada,
E se eu não fôra, a lua o que fizera
Dos effluvios de Phebo que a namora ?
Então tristes mortaes onde esse encanto
De mysterio e magia em certa hora ?

E. Sá

Sendo um dos adverbios,	
Tambem digo aonde estou.	1
Sou verbo que no presente	
Só se uza em termo chulo.	2
Assim faz quem mesmo agora	
Procura saber quem sou	1

Sou animal pequenino
De pello e cauda tambem,
Entre os mattos só me vem
Fugindo do caçador;
Com viveza e com calor
Saltando de tronco em tronco.

* * *

Do telegrapho phosphorico cabio a noticia de que em certa sociedade de dança
vão homens de estrellas no braço pintar o padre Simão; o mestre teve carta patente
de ubishomem, com tudo deve a bem do decoro dar correccão dos abuzos.— Quem
quierer saber ou aprender vá com o nariz pela rua de S. Francisco da Prainha, e onde
cheirar a Fidelidade entre, e tome alguma couza.

Conheço que são tantas as sentenças quantas as cabeças, e
como vou escrever para todos julgo a propósito offerecer uma ta-
bella dos pontos para que cada um colloque onde, e como lhe pa-
recer, se tiver que notar na minha orthographia. Pelas razões que
apresento, cada um se julga um mestre de lingoas, um Diccionario,
uma grammatica &c. : portanto ahi vai a sucia dos pontos destribuão
por onde quizerem porque não posso satisfazer a todos só com a
minha regra ou systema.

— , — ; — : — . — ! — ? — ... —



AOS SRS. ASSIGNANTES.

Augmentamos mais estas quatro paginas em nossa folha não só
para satisfazer as esperanças de nossos benignos assignantes, como
tambem para dellas fazer um folhetim em separado dos mais escolhi-
dos e melhores romances, a fim de que possão (querendo) encader-
nar a collectão. Esperamos, com mais este esforço da nossa parte,
angariar mais decidida e firme protecção.

— Dos EDICTORES.—

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA DE E. A. RIBEIRO & AYRES.

Rua d'Alfandega n.º 135.